

Achados pré e proto-históricos no Concelho de Mangualde

Quando, em 1985, demos por terminada a primeira parte da «Carta Arqueológica do Concelho de Mangualde» (1), distrito de Viseu, tínhamos então detectado na freguesia de Santiago de Cassurrães alguns achados pré e proto-históricos inéditos, dos quais iremos dar uma breve notícia. Trata-se de dois machados de pedra polida, uma ponta de seta em sílex e uma cabeça humana esculpurada.

— Nos princípios da década de 80, ao proceder-se à abertura de alicerces, por baixo do actual terraço que liga a cozinha da abadia ao corredor lateral da Igreja

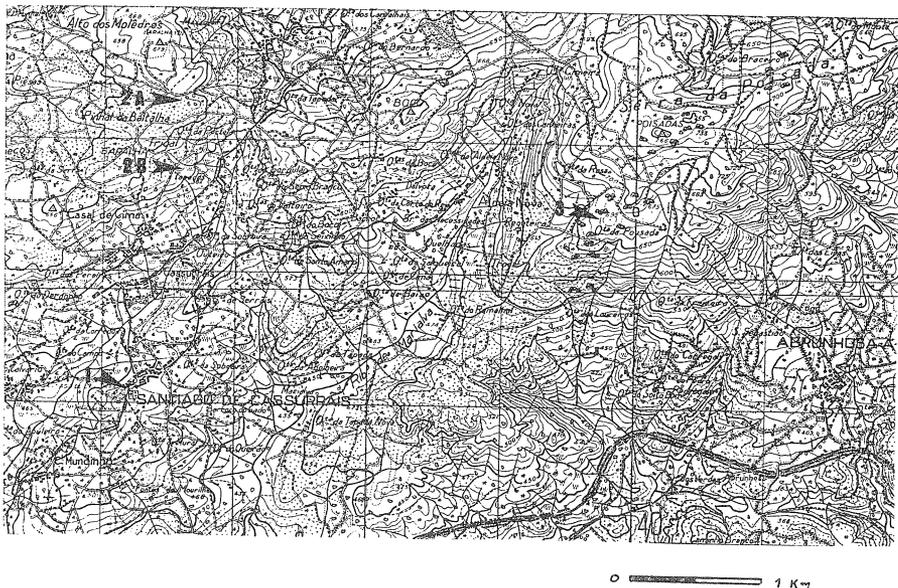


Fig. 1 — Localização dos achados pré e proto-históricos (Carta Militar de Portugal, esc.: 1:25.000, fl. 190). 1 — Machados de pedra polida; 2 A — Penedo dos Mouros; 2 B — Ponta de seta em sílex; 3 — A «Cerca».

Paroquial de Santiago de Cassurrães, foram encontrados dois machados polidos (Fig. 2) de anfibólito, juntamente com três mós manuárias romanas. Como não assistimos ao achado, ignoramos se terá aparecido algum tipo de cerâmica. É de crer que sim, pelo menos a de origem romana, pois não seria mais que o prolongamento da que aparece à superfície nos terrenos em redor. Estamos numa área onde provavelmente terá existido uma *villa*.

(1) *Levantamento Arqueológico do Concelho de Mangualde*, 1985 (dactilografado), apresentado ao Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra.

Que se trate de um achado avulso ou tenham sido recolhidos pelos romanos, são hipóteses a ter em consideração.

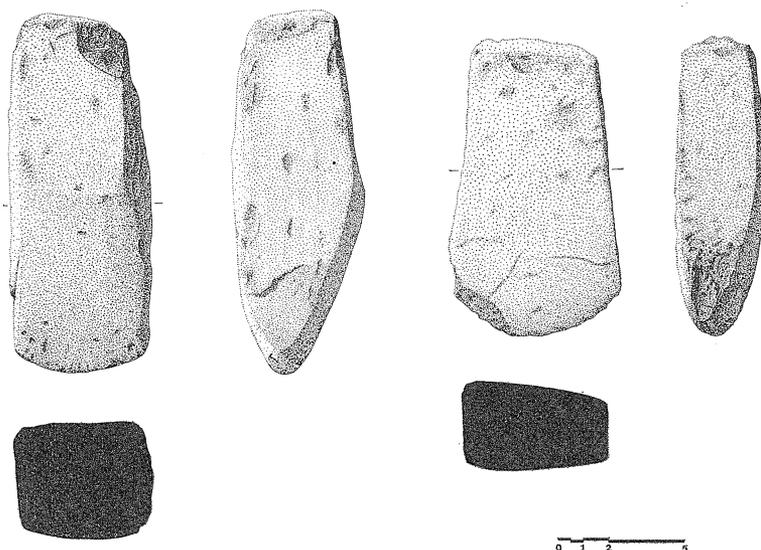


Fig. 2 — Machados de pedra polida (des. de Paulo Félix).

Actualmente encontram-se recolhidos numa sala anexa à igreja supra citada.

Localização: (coordenadas quilométricas segundo a Carta Militar de Portugal, 1:25.000 (1945), folha 190) (Fig. 1-1): M: 236,30; P: 401,10.

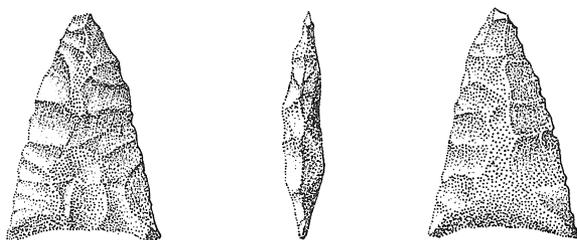


Fig. 3 — Ponta de seta encontrada no sítio dos «Tapados»
(des. de A. Nunes Pinto). Esc. 1:1.

— Aquando de uma das nossas deslocações ao sítio dos «Tapados» (zona agricultada implantada a meio da serra da Baralha, sensivelmente a 500 m a NE da aldeia de Casal de Cima), onde vínhamos verificando a existência de cerâmica romana, foi recolhida uma ponta de seta em sílex, triangular, de base côncava, corpo curto, espessa, com retoque sub-paralelo, cobridor no anverso e invasor no reverso (Fig. 3).

Talvez estejamos perante um achado isolado que terá sido recolhido pelos romanos ou então vindo por arrastamento de uma parte mais alta da serra. Precisamente a uns 200 m mais acima surge-nos o chamado «Penedo dos Mouros», como que delimitando a extensa chã que constitui o cimo da serra do resto da encosta.

O «Penedo dos Mouros» é um afloramento natural, em granito de grão grosso, bastante alto (6 a 7 m) e volumoso, que sobressai na paisagem. Está disposto quase em forma de ferradura, deixando livre o seu espaço central e um dos lados. A avaliar pelas marcas erosivas actuais e pelos blocos caídos no interior, é provável que outrora todo este espaço central estivesse coberto pelo prolongamento da rocha granítica.

Pela sua disposição natural o «Penedo dos Mouros» constitui um óptimo local de abrigo, ainda hoje bastante utilizado pelos pastores locais.

Apesar de completamente tapeado por um espesso amontoado de pequenas e grandes pedras, umas para aí atiradas, outras resultantes da acção erosiva, pode-se observar que o solo-base é constituído por terra.

Será bastante prematuro tentarmos dizer que o «Penedo dos Mouros» foi um abrigo pré-histórico e que a ponta de seta terá sido arrastada daqui. Só uma escavação do local poderá adiantar algo mais.

Actualmente a peça lítica encontra-se na Associação Cultural «Azurara da Beira» (Mangualde).

Localização do «Penedo dos Mouros» (Fig. 1-2A-2B): M: 236,65; P: 403,30.



Fig. 4

— Achado curioso, durante a nossa prospecção de campo, foi o de uma cabeça humana talhada na parte superior de uma rocha granítica (Figs. 4 e 5).

O local é conhecido por a «Cerca» em plena serra da Poisada (seg. C.M.P.) ou das «Bochinhas» (designação popular) (Fig. 1-3).

Localização: M: 239,80; P: 402,43.

É uma zona montanhosa, quase completamente juncada de afloramentos graníticos e com boas condições hidrológicas (são patentes diversas linhas de água).

A «Cerca» surge inserida numa das partes mais altas da serra (695 m) dominando uma extensa paisagem.

Restos de muros e casas relativamente recentes, compostos de pedra solta e numerosos amontoados de pedras, procedentes, sem dúvida, de antigos edifícios que foram concentrados em certos pontos pelos camponeses para facilitar o cultivo, são aqui uma constante.

Se estamos perante um castro pré-romano será prematuro dizê-lo. Nenhum material conseguimos detectar embora a vegetação rasteira também não o facilitasse.

Considerando o meio ambiente, com as suas boas condições de defesa, as suas plataformas, ideais para a construção de estruturas habitacionais e o cultivo de cereais, a água em abundância, o topónimo e a escultura antropomórfica, talvez possamos pressupor uma ocupação castreja.

É neste contexto que nos surge uma cabeça humana, por vezes até lembrando mais uma caveira, esculpida no monólito granítico. De forma oval, mede 19,4 cm



Fig. 5

de comprimento e 28,8 cm de altura. Os olhos são duas concavidades circulares; o nariz um ressalto vertical e a boca uma concavidade longitudinal. Não há o menor sinal da tentativa de representação das sobranceiras, pálpebras ou outro pormenor.

Sem pretendermos fazer aqui um exaustivo e completo estudo comparativo, diremos apenas que a cabeça de a «Cerca» é semelhante às três do castro de Yecla de Yeltes, Salamanca (2) a propósito das quais diz Martín Valls (3) o seguinte: «A cronologia das cabeças de pedra, procedentes dos castros ocidentais e sobretudo do Noroeste, é muito difícil de fixar, porque até agora aparecem fora de um contexto arqueológico preciso. O mesmo ocorre com as esculturas zoomórficas da Meseta e do Noroeste — estas mais tardias no seu começo — cujo horizonte cronológico é muito amplo, abarcando desde a segunda Idade do Ferro até à época romana» (p. 90).

LUÍS FILIPE C. GOMES

Soc. Portuguesa de Antropologia e Etnologia

(2) Blásquez, J. M. — «Cabezas célticas inéditas del castro de Yecla, Salamanca», *VII CNArq.*, Barcelona, 1960, Zaragoza, 1962, pp. 217-226

(3) Martín Valls, R. — «Insculturas del castro salmantino de Yecla de Yeltes: Nuevos hallazgos y problemas cronológicos», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, vol. XXXIX, Valladolid, 1973, pp. 81-103.

Ficheiro Epigráfico — Uma experiência em curso em Portugal (*)

Ficheiro Epigráfico (=FE) nasce, em 1982, por um imperativo científico e com uma finalidade pedagógica.

Do ponto de vista científico: sente-se, um pouco por toda a parte, a necessidade de pôr à disposição do mundo científico, o mais rápida e correctamente possível, os novos documentos aparecidos. E se isso é importante em todos os domínios da ciência histórica, é-o muito mais no âmbito da Epigrafia, onde o achamento de novas epígrafes se torna cada vez mais frequente, vindo complementar, esclarecer e — quantas vezes! — alterar por completo os conhecimentos dados como definitivamente adquiridos até esse momento.

Importava, pois, que, numa zona como a Península Ibérica onde novos monumentos epigráficos se descobrem praticamente todas as semanas — que o diga a equipa que está a preparar o novo CIL II! —, se diminuísse muito o tempo que habitualmente medeia entre o achamento de uma peça e o seu estudo e publicação.

O FE surge, efectivamente, para colmatar essa lacuna, sendo dedicado exclusivamente à publicação de inscrições romanas e paleocristãs da Península Ibérica.

(*) Comunicação apresentada, em Setembro de 1987, ao IX Congresso Internacional de Epigrafia Grega e Latina, realizado em Sófia. A sua versão definitiva e actualizada data de Março de 1988.